

**MEMÓRIAS  
DE UM  
DIPLOMATA**



**Mário Calábria**

**MEMÓRIAS  
DE UM  
DIPLOMATA**

*Tessitura*

Belo Horizonte · 2011

Direitos reservados à Tessitura Editora, 2011  
Copyright © Mário Calábria, 2011

*Capa & Projeto Gráfico*

Milton Fernandes

*Revisão*

Tessitura Editora

*Editora Responsável*

Maria Adélia Vasconcelos Barros

*Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária*  
Nina C. Mendonça - CRB 1228-6

C141m

Calábria, Mário.

Memórias de um diplomata / Mário Calábria. – Belo Horizonte: Tessitura, 2011.

200 p. : il.

ISBN: 978-85-99745-30-4

Inclui índice onomástico.

1. Calábria, Mário – Autobiografia. 2. Diplomatas – Biografia. 3. Relações internacionais. I. Título.

CDD: 923.2

Tessitura Editora

Av. do Contorno, 5351 . sala 1601

30110-923 . Belo Horizonte . MG

Brasil . [55] 31 3262 0616

tessituraeditora.com.br

# Sumário

<i>Corumbá</i>	11
<i>Rio de Janeiro</i>	29
<i>Nova York – Washington</i>	43
<i>Paris – Francfort sobre o Meno</i>	50
<i>Encontro de idiomas</i>	62
<i>Intermezzo</i>	67
<i>Rio de Janeiro 2</i>	72
<i>Amsterdã</i>	87
<i>Entretempo – Utrecht</i>	91
<i>Munique</i>	93
<i>Munique (Arte)</i>	106
<i>Praga – Visita a Praga</i>	118
<i>Budapeste</i>	123
<i>Estocolmo</i>	127
<i>Intermezzo 2</i>	138
<i>Burschenschaften (“burchas”)</i>	142
<i>República Democrática Alemã (RDA ou DDR)</i>	147
<i>Berlim Ocidental</i>	167
<i>O menino na rua</i>	175
<i>Posfácio</i>	177
<i>Índice Onomástico</i>	179



*Para Úschi*

*Meu amor é pacífico, bem posto  
contido nas palavras, no proveito  
no vento que já passa por meu rosto  
no canto que já dura no meu peito.*

*É um estar sem fadigas, sem desgosto  
copioso nas horas, satisfeito.  
Se bem antigo se faz, por suposto  
inda se faz presente, por perfeito.*

*Que doce mão, que força poderosa  
que nobre causa, dote peregrino  
deu-me o favor de lida tão ditosa  
  
e este dom de viver um tal destino?  
De mim nada me lembro mais ter feito  
que ver-te e já me ver assim eleito.*



**MEMÓRIAS  
DE UM  
DIPLOMATA**



Aqui, de muito longe e passado tanto tempo, dói-me escrever sobre minha querida cidade. Jamais me foi possível sair completamente de todo aquele mundo, em que vivi meus primeiros quinze anos. Cresci, filho caçula de italiano e de uma corumbaense que nunca deixou os limites da cidade, numa casa singular, onde meu pai, poderoso filho mais velho de mãe viúva, ia abdicando de sua onipresença e o espaço passava a ser ocupado pela filha mais velha, que me criou. Meus irmãos, éramos sete, viveram em outro tempo, com regras mais rígidas de comportamento e sofrendo ainda as limitações de um orçamento doméstico bem difícil.

Em Corumbá, longíqua e isolada, vivia considerável número de italianos. Lembro-me de, logo ao começar a escrever pequenas notas no jornal *A Tribuna*, ter feito uma lista de sobrenomes italianos locais, e cheguei ao total inacreditável de 40 famílias. Giorgio Mortara asseverou que a população da cidade contava, em 1940, com 8% de estrangeiros. Nesse ano, a população total subia a 30051 moradores – 34,73% urbanos, 24,42% suburbanos e 40,85% rurais. E aqui, alguns fatos e textos colhidos em leitura antiga: em 1861, às vésperas da guerra do Paraguai, a cidade contava com 1315 habitantes, entre os quais 26 franceses e 29 italianos; em 1913, o Presidente Theodor Roosevelt andou caçando onça pelas vizinhanças, nas proximidades do porto, e escreveu belo elogio à paisagem ribeirinha; Rui Barbosa, que em Corumbá derrotou Epitácio Pessoa na eleição para a Presidência da República, referiu-se à nossa cidade como “a verdadeira capital do estado”, e João Mangabeira, biógrafo de Rui, ao narrar o episódio, também chamou-a de “a capital da civilização em Mato Grosso” (derrotados haviam sido o Senador Azeredo e o bispo D.

Aquino); Percy Harrison Fawcett descrevia Cuiabá como “uma cidade morta”, que não poderia comparar-se a Corumbá, “uma verdadeira metrópole”... Assim fomos.

\* \* \*

O menino se lembrava ainda, anos depois, daquela manhã de sol forte, as ruas vazias, o caminho habitual para o colégio. O dia começara como sempre, levantar, escovar os dentes, moer café no velho moinho de ferro cravado no chão da cozinha, ir com o pai comprar carne no açougueiro da praça, banhar-se (“ensaboe as orelhas, menino!”), vestir seu uniforme cáqui, comer o pão com muita manteiga, preparar a merenda, apanhar a pasta e pôr-se a caminho do Colégio Salesiano. A manhã pareceu-lhe diferente, ninguém nas ruas ou nas janelas, apenas o cachorro do vizinho o encarava mal, como de quando em quando, e o obrigava a sair da calçada de tijolo. Pouco mais adiante, um gato pintado correu em sua direção, passando e repassando entre suas pernas, velho amigo. Assim ia ele, chutando as pedras (“nem reiúna agüenta no pé desse garoto, meu Deus!”), fazendo gols à direita e à esquerda, senhor absoluto da rua. Reparara que algumas janelas, normalmente abertas, estavam entrefechadas, mas sempre alguém parecia espreitar, como à espera de algo misterioso que deveria chegar pela rua.

Logo na entrada do colégio, um grupo de colegas rodeava o Mestre. Esse Mestre tinha um pouco de mundano, situação que quase tudo lhe permitia, por não ser padre: ensinava geografia, ia pescar com os estudantes, excelente no futebol e no vôlei, sempre animado nas conversas, geralmente bem informado, capaz de explicar a razão pela qual o Brasil deixara a Liga das Nações (muito mais tarde, o menino apurou que a razão da saída do Brasil era mais do Mestre do que a verdade dos fatos), conhecia todos

os casos de namoricos da sociedade local e, diziam, sustentava uma mulata, lá pelos lados do porto.

Havia um ar de surpresa e espanto no rosto de todos, e o Mestre parecia também um pouco estranho, usando dessas expressões que nos ligam ao inesperado, ao imprevisto: "Bom, alguma coisa de anormal tinha de existir, estava claro, isso não podia continuar sempre, quem diria, uma criatura dessas, etc.". O mais agitado dos colegas, Miguel, companheiro do menino na defesa do Madureira Futebol Clube, da Liga Estudantil, estava lívido, soubra de tal fato à noite, não dormira direito, nervoso, ele que era duro na defesa, dos tais que deixam a bola passar, mas nunca o adversário. Osvaldo, memorião de todas as lições, queria minúcias, corrigia informações, repetia as palavras ouvidas, municiando-se para as próximas conversas nas esquinas e na papelaria de seu pai. Milo, filho de siciliano, encontrava apenas uma solução para finalizar a história: "Matar, matar esse bandido sem-vergonha", a fim de salvar a honra, pois houvera honra ofendida. Adriano e Arquimedes, aventureiros, moradores no fim da cidade, caçadores que já usavam espingarda, dispunham-se a perseguir o criminoso nas ruas da cidade ou nas estradas. O mestre também era de opinião que deveriam ser formados pequenos comandos, destinados à busca e apreensão do falsário. O menino parecia não entender o que se passava, mas, se percorresse o centro da cidade, veria outros grupos, discutindo fatos e boatos.

Tudo começara três meses antes. À cidade chegara alguém, vindo aparentemente de longe, com duas malas cheias de dinheiro, hospedara-se no melhor quarto do principal hotel, com vista para o rio. Logo se soube tratar-se de um milionário, apesar de jovem ainda. Fino de trato, bem-apessoado, comunicativo, foi conquistando as pessoas, convidado para as melhores festas e freqüentando os salões do mais importante clube local. Andava pelas ruas e distribuía dinheiro aos pobres e crianças. Contava-

se que, certo dia, o carro alugado em que viajava teve de parar, bloqueado pelos braços abertos de conhecido velho bêbado, e logo desceu ele do carro, retirou do bolso cinco ou seis notas do mais alto valor e colocou-as nos bolsos do pobre coitado. O fato é que, nas calçadas, as pessoas abriam caminho para ele passar e, por onde ia, encontrava respeito e admiração. No bar, em que bebia café, a gorjeta deixada era bem maior do que a fórmula diária do garçom. A conversa, nas ruas ou nas casas, girava bastante em torno dele: "Vi o moço. Hoje estava com uma camisa azul"; ou, "de manhã, ele conversava com o advogado, quer ficar por aqui"; ou, "ele entrou no banco - foi uma corrida, cada um queria atendê-lo", etc. A cidade tinha o seu herói, e todos ficaram sabendo que passara por uma joalheria e adquirira um anel com grande brilhante.

Fora visto várias vezes na companhia da bela filha de uma das mais importantes famílias da cidade. O romance durava semanas e, novamente, todos, por toda parte, pareciam felizes com o casamento que se aproximava.

Sendo as coisas como são, atrás de tudo isso, amor, grandeza, felicidade, se escondia uma tragédia. A vilania divina já se anunciava, como diria aquela russa.

Na tarde do dia anterior, o milionário foi ao banco retirar dinheiro e lá se viu reconhecido por alguém, seu antigo companheiro de trabalho em São Paulo, onde ambos eram funcionários de grande banco paulista. O colega viajava com um policial, ambos procurando localizar o foragido, que esvaziara a caixa geral num sábado e desaparecera completamente. Naquela época, sem comunicações rápidas, o paradeiro do transgressor tomou tempo, devido a inquições pessoais, de cidade em cidade, de estado a estado.

Descoberto, o milionário fugiu da cidade, embrenhou-se pelo mato e desapareceu.

Esse foi o drama que o menino viveu, naquela manhã estranha, a caminho do colégio, onde, ao meio-dia, chegaria a notícia final: a criatura, que tanta alegria dera à cidade, armara uma rede entre duas árvores frutíferas, na estrada do Urucum, e dera-se um tiro na cabeça. Aparentemente, escolhera a rede para o fim do seu drama e não tombar assim no chão do palco.

\* \* \*

Como qualquer cidade brasileira, contava Corumbá com um centro espírita. No meu Colégio Salesiano condenava-se o espiritismo, arma do diabo e de engodo, e ninguém na minha família dava o menor crédito às práticas espíritas. Em 1941, morreram meus pais e eu cursava o primeiro ano da Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. As férias, como fazia e fiz sempre, passava-as em Corumbá. E, naqueles três meses na minha cidadezinha, coisas estranhas aconteceram comigo, ou em volta de mim. Meu quarto, na casa em que nasci e fora herdada por minha irmã Santinha, era a última das peças acrescidas ao conjunto, ao longo do tempo. Depois do meu quarto, vinha a cozinha – pelo lado dos dois quartos corria uma espécie de corredor, que constituía mais área de passagem do que corredor, por sua largura – começava na porta traseira da sala de jantar, passava pelos nossos dois quartos, pela cozinha e terminava no banheiro. Eu sentia, toda noite, logo ao deitar, barulhos estranhos, na minha porta e na janela – certa vez, deu-se um barulho de trinco forte, como se alguém, no corredor, quisesse entrar no quarto. Comecei a enervar-me, o barulho parecia ser produzido só para eu ouvir. Lembro-me que, às vezes, chegava eu tarde e o ruído começava ao vestir-me a calça do pijama (o calor era grande para o luxo de um paletó). Outras vezes, ficava a ouvir pelo rádio as notícias da guerra, e até mesmo a música clássica posta no ar pelos beligerantes, como prova de cultura

superior. Quando entrava no quarto, fossem dez horas da noite, ou uma da manhã, começava o barulho (naturalmente, os ruídos eu só poderia ouvir quando chegasse ao quarto. Logo veremos, no entanto, as razões que me levam a escrever o óbvio). Certa manhã de janeiro, saí pelo meu habitual caminho, em direção ao centro da cidade, e ao atravessar o Largo da Matriz, uma estranha voz, vinda do outro lado do Largo, começou a chamar-me: "Italiano! Gringo! Venha cá!" Era um desconhecido qualquer sentado na balaustrada que cerca o Largo. Logo ao aproximar-me, jogou-me estas palavras: "Você está fugindo do seu pai. Ele vai todas as noites à sua casa, chega à porta de seu quarto e você não permite que ele entre...". Encontrei-me numa situação difícil de entender, nunca falara eu com ninguém, meu segredo desvendado. E o homem continuou: "Seu pai aparece sempre nas sessões, e vem reclamando de você. Seria bom você aparecer por lá...". Eu tremia, não sabia o que dizer, fui imediatamente ao escritório de meu irmão, logo nas vizinhanças, narrei-lhe o fato, esse desconhecido a falar-me de algo que ninguém sabia, a ninguém narrara. Vicente, meu irmão, era dessas pessoas que não se amedrontavam jamais, não temia os vivos e, muito menos, os mortos. Não cultivava a coragem em defesa dos santuários (Chesterton acreditou que a coragem provinha da religião) – vida, morte, lugares sagrados, nada disso ocupava espaço nenhum em sua maneira de ser. Ele começou: "Esse sujeito falou com você, também? Por aqui aparece de vez em quando, e vem sempre com a mesma história, que papai quer ser recebido, quer conversar, e que eu não lhe dava nenhuma atenção. Quanto aos barulhos que você ouve, isso vem acontecendo há meses comigo, é na porta, é na janela. Uma vez, até a garrafa de cerveja vazia, que fica sobre a mesa do corredor depois do jantar, batia e batia na mesa. Eu saí, não havia ninguém". Disse-lhe eu que meu problema era o sono, não havia como fechar os olhos durante ou depois do barulho, andava tentando dormir depois do almoço,

etc. Ele: "Você quer fazer algo? Se você quiser, podemos ir a essa tal sessão espírita." Resolvi consultar um antigo professor, Padre Osvaldo Lobo, no Colégio Salesiano. Ele ouviu atentamente e me perguntou o que desejava eu fazer. Respondi-lhe que gostaria de ir à sessão espírita, mas a Igreja proibia. Resposta: "Você acredita em alma do outro mundo? A nossa Bíblia, no entanto, está cheia de aparições e contatos extraterrenos. Não acredito nessa história de seu pai. Se você resolver ir, não deixe de contar-me como foi. E não fale a ninguém que conversou comigo sobre o assunto." Sugeriu ao Vicente que fôssemos juntos, na sexta-feira seguinte. O centro funcionava um tanto fora da cidade, numa rua que não tinha outras casas, sem luz e muita lama no caminho. Eu, por precaução, colocara pequeno revólver na cintura, e o Vicente decidira levar uma bengala de pau-ferro. Chegamos, pequena saleta de entrada com um crucifixo na parede e garrafas com líquidos coloridos sobre pequena mesa. Às 8 da noite nos mandaram passar para a sala da sessão (mesa redonda com várias pessoas sentadas, o médium a dirigir tudo, de costa para a parede, onde havia outro crucifixo, e as nossas cadeiras colocadas todas atrás de parte da mesa redonda). Antes de começar, pedi ao médium que me deixasse sentar na primeira fila, pois assim poderia conversar com meu pai. A sessão começou, alguns espíritos teriam baixado, baixavam sempre em pessoas diferentes, e toda conversa referia-se a doenças, remédios, receitas de alguns líquidos da sala de entrada, etc. O quinto espírito baixado seria meu pai, encarnado no corpo de uma gorda mulher, que falava na voz dela própria e retomou o tema das visitas dele, meu pai, que se queixava do fato de não querermos nós conversar com ele, ia todas as noites à nossa casa, etc. Perguntei ao médium se eu podia fazer algumas perguntas diretamente a meu pai naquele instante, o médium respondeu que a conversa teria de ser feita através dele e não da mulher em transe, que recebia papai (e não mostrava, aliás, nenhuma identificação com meu pai, nem na voz,

ou nos gestos, no espírito, etc.). “Pergunte-lhe, por favor, o que ele quer dizer com essas visitas noturnas, se tem alguma boa ou ruim mensagem, etc. e diga-lhe mais que não tenho dormido por causa do barulho, ele deve saber que necessito de descanso e emagrecera muito no Rio, estudando.” A resposta veio logo: “Quero mostrar a meus filhos onde está enterrado nosso dinheiro, dinheiro e jóias. Eles vão precisar disso.” Considerando que meu pai tinha fama de rico, mas ninguém sabia o que possuía ele (dez casas, naquele fim do mundo), pois os aluguéis eram pagos na mão, sem banco, a “revelação” da mulher em transe perdia qualquer validade.

Contudo, não desanimei, uma vez que os barulhos noturnos prosseguiam. Meu irmão dizia que às vezes batiam na porta de seu quarto, como pedindo para entrar de qualquer maneira, que as janelas, deixadas entreabertas, eram sacudidas, etc. “Você não reage?”. Resposta: “Uma noite levantei-me, olhei em volta, não vi nada, mandei pro diabo e caí na cama, de volta.”

Eu continuava sofrendo, ouvindo aquilo tudo, inclusive a ruidosa tentativa de abertura do trinco de entrada do quarto. Propus a meu irmão que ficássemos juntos na sala de jantar, uma noite, e às 11 horas fôssemos para nossas camas. Ele, no entanto, não se deitaria na cama, passaria para o meu quarto, metendo-se atrás da porta, que tentavam abrir sempre no momento em que me punha na cama. Eu fingiria que me deitara, e logo nos juntaríamos na porta – ele, com sua bengala de pau-ferro, e eu com um *flashlight*. Mal nos colocamos em posição, o trinco cedeu e a porta começou a abrir. Saímos rapidamente bengala e *flashlight* em posição, e não vimos ninguém. Demos ainda uma volta pela primeira parte do quintal, e nada! Nessa noite, não dormimos, tomamos um café atrás do outro, havia bolo na cozinha, conversamos o tempo todo e não chegamos a encontrar uma explicação para o mistério.

Logo mandei buscar no Rio de Janeiro o mais moderno aparelho *Geiger-counter*, com alcance de dois metros de profundidade,

examinei com ele duas vezes o terreno da casa, o chão da pequena chácara, do galinheiro, do galpão grande, onde se trabalhara muita madeira e ferragem, a área de entrada para a garagem, a parte baixa dos muros, e encontrei parafusos, pregos, arames, pedaços de cano, chaves, fivelas, etc. Vencido, resolvi logo ir para o Rio de Janeiro, mas até o dia do embarque a porta rangia, as janelas faziam curioso barulho, o mosquiteiro da cama se movia na parte superior, até parecendo que alguém o abraçava. O *Geiger-counter* viajou comigo depois pelo mundo, quarenta e poucos anos. Em 1985, dei-o de presente ao antigo jardineiro da minha embaixada na República Democrática Alemã. Ele utilizou-o num terreno, fora de Berlim, que o pai lhe deixara, há 30 anos, e lá encontrou algumas moedas raras, dois braceletes de ouro e outras poucas coisas mais, que o pai escondera do Governo comunista.

E já que estamos em sessão espírita: um livro francês, *Guia dos Videntes*, garante que em Paris há mais de 10.000 ocultistas, o que dá 120 parisienses por ocultista, e tão somente um médico para 150 parisienses. Na França toda o número de astrólogos, grafólogos, mestres de artes divinatórias, cartomantes, quiromantes, praticantes de telepatia, de levitação e ciências ocultas, ciganos, alquimistas, charlatães, etc. é superior a 40.000, e os franceses gastam 10 vezes mais com esses tipos de consulta do que gasta o Governo com pesquisas científicas.

\* \* \*

Alfredo era aquilo que se chama “bom sujeito”. Último da família, não saíra de Corumbá para estudar, diferente dos irmãos. Muito chegado aos pais, acabou dono de pequena venda, montada pela família, vendendo bebidas, cigarro, fumo em rolo, arroz, açúcar, feijão, carne seca, e pouco mais. Lembro-me dele, curiosamente, por dois episódios ocorridos na época em que eu andava pelos

meus 12 anos. O primeiro se deu quando um menino, mais forte do que eu, aplicou-me, a propósito nenhum, tremendo soco no que se chama boca do estômago. Isso ocorreu na calçada da venda de Alfredo, que logo saltou o balcão e saiu violentamente em minha defesa. De imediato surgiu um irmão do menino, que se atirou sobre Alfredo. A situação ficou séria, até que apareceu um primo distante meu, conhecido como praticante de box (só os incautos se mediaram com ele), pôs ambos por terra, pela ordem: primeiro, o menino e, depois, o maior, um como outro estirados nos tijolos da calçada. Não houve ameaça de vingança, ninguém ousaria enfrentar meu primo. O outro episódio tem qualquer coisa de filme macabro: em morna manhã, eu me sentara na calçada da venda, pés na sarjeta úmida, e matutava. Logo veio uma carroça, puxada por burro e trazendo, como carga, um caixão de madeira. O carroceiro saltou, pediu-me que cuidasse do animal ("muito manso, velho, coitado!"), enquanto ele iria beber sua cachaça, no balcão do Alfredo. Naquela tranqüila manhã, ninguém na rua, silêncio absoluto, o burro decidiu empinar-se, uma, duas vezes, levantou a carroça, a caixa escorregou, caiu no chão, espatifou-se e o que havia dentro veio na minha direção, e me vejo com um defunto entre minhas pernas. Era uma carroça para enterro de defunto pobre. Alfredo me socorreu e, se bem me lembro, empurrou-me pela goela abaixo uma dose da mesma cachaça do carroceiro.

Por muito incrível que possa parecer, Alfredo viveu, logo após, o seu grande romance de amor. Apaixonou-se por uma jovem, amiga de irmã sua, teve a paixão retribuída com a mesma intensidade, encontravam-se sempre, muito a contragosto dos pais dela, que não aceitavam a ligação com alguém fora do seu clã social. Os dois se viam sempre, furtivamente, ou "por acaso", mas ele não podia jamais deixar de falar de seu amor, a chama consumindo ambos. Ela fazia parte de tudo dele, que a carregava todo o tempo, já no ato de vestir-se pela manhã, no caminhar

pelas ruas, não escondia de ninguém, tema constante que sentia cada vez mais forte e lhe permitia ver ou buscar beleza no mundo em volta, continuamente. Mas, a tempestade se armava. Os pais decidiram mandar a filha para longe, a fim de salvá-la do caminho errado que desejava tomar. Os dois amantes sabiam no entanto que não se separariam jamais, e decidiram partir juntos. Ele beijou-a, deu-lhe um tiro no coração, voltou a arma para o seu próprio coração e se matou. Isso, na rua em que mais se amaram, a terceira margem de um rio sem fim.

A cidade toda se comoveu. Aos enterros, no dia seguinte, acudiu muita gente, uns acompanhando o caixão dela e, outros, o dele. Os dois cortejos, vindos de diferentes direções, encontraram-se na rua que levava ao cemitério. Houve aturdimento, a família da moça recusava-se a aceitar o encontro dos dois caixões, alguns choravam, gritavam, vendo na coincidência uma benção do céu. E assim fizeram os dois o caminho que lhes permitiria ver sua casa, depois de muitos anos de cativeiro (“Livro dos Mortos”).

\* \* \*

Politicamente, durante minha época, Corumbá era, por igual ao que se pode ler nos lendários romances nordestinos nossos, território dominado, como todo o Mato Grosso, por uma família e suas dependências (essas famílias se sentiam os únicos “produtores de riquezas...”). Mas a dimensão, as distâncias, a pouca população nos defendiam do que se passava nas terras do Nordeste. Desconhecia-se a fome, a comida apanhava-se fácil, livre. No rio Paraguai pululavam os peixes, frutas e legumes se viam fartos pelas redondezas, na cintura da cidade, e a caça era farta, feita sem custo ou muito esforço. A família dominante, os Müller, cujo chefe, Filinto, vivia no Rio de Janeiro, onde ocupava um dos mais altos postos da administração do país,

escolhia os prefeitos e os mais importantes funcionários dos municípios. Diga-se aqui, de passagem rápida, que Filinto Müller interessou-se muito pelo estado e ajudou, sem exceção, qualquer mato-grossense desprovido, que chegasse ao Rio de Janeiro para estudar ou trabalhar. Seus ajudantes não exigiam folha corrida dos estudantes mato-grossenses que lhes batiam à porta em busca de emprego, de trabalho regular, que os ocupassem em horas não conflitantes com as das aulas. Muitos diplomas foram ganhos assim, e eu conheci boa leva de conterrâneos, felizes com a oportunidade oferecida. Por isso, não estranhamos que os candidatos do clã Müller tivessem ganho, em Mato Grosso, as eleições de 1945. Nós carregávamos o andor do Brigadeiro.

\* \* \*

A Corumbá do meu tempo, “*mihi patria est*”, tão longe do resto do Brasil, tinha vida própria sua. O trem não chegava até nós, ficava em Porto Esperança, onde baldeavam tudo e todos, viajantes e mercadorias, para um barco lento, que subia o rio Paraguai esforçadamente, parecia dividir dois mundos. Chegávamos sempre à noite a Porto Esperança, e havia atropelo na conexão, os viajantes transportando sua própria bagagem para o navio e logo correndo para o chuveiro, depois dos três dias de poeira nos vagões do trem, se vinham do Rio ou São Paulo. A viagem, cansativa e longa, desanimava, apesar de, quase sempre, sermos muitos os estudantes de retorno para as férias em casa.

A cidade possuía um número considerável de tipos, que enriqueciam as conversas e nos divertiam, às vezes. Onde morávamos, o mais curioso desses tipos foi “Papai Cacique” (assim se intitulava ele). Vinha da Bolívia, e aparecia com freqüência, falando uma língua própria, da qual entendíamos claramente apenas “Papai Cacique tá fome”, palavras acompanhadas pelo

gesto de mão indo até à boca. Ninguém jamais soube quem era esse coitado, às vezes apedrejado por uma ou outra criança. Não era grande nem pequeno, nem gordo e nem magro. Mas quando minha mãe lhe preparava algo para comer, ele ria alto, falava e mais falava, e enchia o estômago como se tivesse passado oito dias sem mastigar nada. Batia uma lata, amarrada por cordão ao pescoço e, num ritmo seu, anunciava que ali estava e tinha fome. Creio que não se banhou jamais na vida, salvo quando a chuva lhe caía em cima. Tinha vermes nos pés, que nos mostrava e nos horrorizavam. Corríamos atrás dele, até que parava, ria um pouco e chorava. Durante muitos anos guardei-o na minha lembrança, e me pergunto se não foi por causa de umas palavras que aparecem em Lima Barreto: “ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém, alguém que vê por ele, interpreta as coisas por ele, está atrás dele, invisível!” Esse texto assustava o menino. Quem estaria atrás de “Papai Cacique”, para mim?

\* \* \*

“Chiquinha Passa-bem” era uma pobre criatura, vestida sempre de roxo e levando um guarda-chuva no braço. O nome correspondia exatamente a tudo o que se sabia dela. Passava por nós e, perguntada ou não, só dizia “Chiquinha Passa-bem”, e seguia seu caminho. Ninguém sabia como se mantinha, bem arrumada de roxo e bem alimentada de corpo. Gostava de visitar os doentes pobres (a visita ficava sem sentido), não perdia um velório ou um enterro e levava uma flor silvestre ao morto. Todos tínhamos pena dela, apesar de quase sempre ser recebida com risos ou gargalhadas. Ela armava o rosto envelhecido e repetia seu nome, um tanto feliz.

Um dia, apareceu morta em seu quartinho, ensanguentada. A polícia chegou, constatou a morte, e obteve um laudo médico

sobre a causa da morte. A cidade toda se emocionou com a notícia: “Chiquinha Passa-bem”, com 55 anos de idade, havia sido violada brutalmente por um tarado, monstro que, na sua fúria, lhe rebentara o períneo e estraçalhara as estruturas anatômicas da região, causando fatal hemorragia.

A cidade se sentiu um pouco aliviada, quando soube que o criminoso, já preso, não era corumbaense, mas alguém que servia temporariamente na região, e fora tão logo transferido para sua base no Rio.

\* \* \*

O rapaz era conhecido como valente, e respeitado por sua coragem. Ganhava todas as discussões sem nenhum esforço. Um dia, a conversa caiu sobre o leão. “Uma vergonha, o Brasil não ter leão, o rei dos animais”, disse o melhor pescador do nosso grupo. Logo foi corrigido: “isso não é nada, a Europa também não tem leão”. Aí, o valentão nos fez calar a boca: “vocês são ignorantes, não sabem o que falam. Então a Europa, um país civilizado, não tem leão! Como é que vocês dizem burrices desse tipo”. Ninguém contestou.

\* \* \*

O árabe, para nós turco, era bem meu conhecido. Possuía uma sortida loja de tecidos, no melhor endereço da cidade. Eu ia lá, vez ou outra, comprar azeite Bertoli e um licor, dito francês, que minhas irmãs serviam quando apareciam visitas de importância em nossa casa. Ele não tinha autorização para vender bebidas, que retirava sempre de um canto, onde se acumulavam os tecidos. Fazia bons negócios, pois a mulher e os filhos iam passear em São Paulo duas vezes por ano, fato digno de muita

nota. Em uma das vezes que a família se ausentou, ele resolveu almoçar com a nova empregada, bem jovem, a mesa farta demais, exibindo belo leitão assado. Como sobremesa ofereceu melancia, muita melancia, apanhada àquele dia, bem doce, e ele, depois de algum galanteio, conseguiu convencer a empregada a ir para a cama, os dois mereciam uma sesta. Deu-se então o pior. O turco sofreu uma parada cardíaca e faleceu em cima da empregada, que saiu como estava para a rua, assustada com o defunto. Por algum tempo ouvi em Corumbá esta frase: “não se meta com mulher, rapaz, depois de comer leitão assado e chupar melancia, como sobremesa. Olhe o que aconteceu com aquele turco...”.

\* \* \*

Fui ver o amigo que tinha um programa de música clássica na Rádio Difusora local. Ele costumava teatralizar o programa com frases como estas: “os músicos da orquestra estão entrando no teatro”, “os músicos estão sentando em seus lugares”, “os músicos estão afinando seus instrumentos”, “o maestro...”. Naquele dia, o maestro era Stokowski, com Bach. E então veio a frase: “o maestro Stokowski subiu na sua plataforma, está tomando a batuta, vai começar!” Permiti-me dizer-lhe que o Stokowski não usava batuta, mas apenas o braço e a mão. “Você está certo disso?” Disse-lhe que sim e que havia visto o maestro pela primeira vez no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. “Foi bom você me dizer. Isso é que eu chamo de crítica construtiva...”.

\* \* \*

Uma das coisas que não consigo esquecer, vistas e vividas em casa, era o espetáculo dos irmãos e primos de meu pai, depois de beberem muito vinho tinto italiano, por ocasião de qualquer ani-

versário ou batizado. Aí começava o “*facciamo il quattro*” (façamos o quatro), todos de pé, deviam levantar uma perna e dobrá-la até o joelho da outra perna. Quem houvesse tomado um pouco demais, caía em cima da mulher ou mordia a poeira do chão...

\* \* \*

Era um rapaz, mais velho do que nós, caladão, sem humor, mas bom camarada. Um dia, voltou mais cedo do colégio para casa, encontrou a mãe na rede, com um sujeito em cima. Parece que desconfiava muito disso, e sofria calado. O fato é que apanhou a melhor faca da cozinha, partiu para cima do amante e matou-o com fúria. Foi preso e levado para a cadeia pública, que ficava a uns cem metros de minha casa. Visitei-o, recebeu-me bem e conversamos como nunca havíamos conversado no colégio. Disse que pedira uma rede para dormir, uma vez que o chão da cela era muito úmido, e ele desconhecia quanto tempo ficaria preso, por não ter ainda dezoito anos completos. E pediu-me que trouxesse algumas frutas.

Só então fiquei sabendo, dita por ele, a razão da umidade do chão das celas de nossa cadeia. A polícia não contava com dinheiro suficiente para pagar seus quatro ou cinco policiais, mais as despesas da cadeia. Então, o recurso foi apelar para a alta umidade do chão, produzida por sal grosso; e, logo, a umidade inchava as pernas dos presos, que, então doentes, acabariam indo para o hospital municipal e diminuiam assim as despesas com a manutenção na cadeia.

\* \* \*

Passeio no Largo da Cadeia, em frente de nossa casa, e tão importante nas minhas lembranças da infância. No largo jogáva-

mos futebol, comecei a andar de bicicleta, caminhava com minhas irmãs e ia aprendendo a conversar, éramos muitos meninos, por ali cruzavam caminhos para o açougue, o armazém do árabe Tufik, e sobretudo para chegar ao mundo negro do Sarobá, tão presente na obra do poeta Lobivar Matos (1936), poeta maldito do incipiente modernismo – “becos sujos, trapo num corpo sujo, trapo sujo na vida”. Nesse largo aparecia, nas noites de lua cheia, o louco barbudo, cabelo e barba bíblicos em testemunho da verdade e dos oráculos, louco que se acreditava profeta, e passava parte do tempo, aos berros, a atacar meu pobre pai, “italiano rico, seu dia chegará!” O louco soltava palavras candentes, inflamadas pelo fogo do inferno, um louco lunar, certamente o primeiro apóstolo socialista da minha pequena cidade, espécie de missionário Paulo do Pantanal, cujas viagens não o levavam ao caminho de Damasco, limitando-se a voltas pelo Largo da Cadeia; o primeiro apóstolo dos gentios mato-grossenses, antes mesmo do poeta Lobivar Matos.

Certo dia, num arroubo qualquer, esse louco soltou umas palavras, que repetiu três vezes, quase soluçando no final – “fiquem vocês sabendo que deixei minha mulher na Babilônia. Saí correndo de lá!” Quarenta anos levei para entender o significado dessas palavras, uma bestial blasfêmia dirigida a Cristo.

\* \* \*

O largo escondia ainda seu mistério. Quando jogávamos futebol, a bola às vezes costumava entrar pela casa de alguém que se recusava a devolvê-la. Não adiantava protestar, os nossos pais não nos davam razão e mandavam adquirir outra bola. Só bem mais tarde soube que lá na casa morava um doente que não podia ser visto, era feio, deformado, assustador. Quando faleceu, a informação nos foi logo dada: tratava-se de um leproso.

De férias, em Corumbá (1941/1942). Meus pais haviam falecido e fiquei, nesse tempo, morando na mesma casa, agora herdada por uma irmã. Na semana de carnaval, meu primo Romeu me anunciou qualquer coisa de inaudito: no sábado, haveria um baile, organizado pelas moças perdidas da antiga Rua Sete e adjacências, inclusive por algumas paraguaias. O baile seria meio secreto, só para convidados, e o convite se fazia apenas de boca, ao pé do ouvido. Aceitei e lá fui. O local não poderia ser mais tétrico: o grande salão da sede antiga do Corumbaense Futebol Clube, ao lado da prefeitura e defronte do meu Colégio Salesiano. Escrevo tétrico por estar ali mesmo no local instalada a grande agência funerária da cidade, e muitos caixões de defunto se espalhavam em metade da pista de dança, grandes ou pequenos, elegantes ou baratos, e no meio deles iríamos dançar e cantar. A festa foi animadíssima, apesar das condições estabelecidas: inteiramente proibido qualquer ato imoral... Por incrível que não pareça, todos nos comportamos nas danças conforme o estabelecido, mas dançávamos íntimos, próximos, confundidos. O resultado que não se esperava: tínhamos, os homens, de escapar para o jardim da agência funerária, os que iam, muito apressados, topavam com os que voltavam, tristes, abatidos.

No dia seguinte, a família, reunida, passou-me uma carraspana: “não faz nem um ano que mamãe e papai morreram! É isso que você aprende na universidade?”

## Rio de Janeiro

Logo que me vi no Rio, saí com meu irmão para conhecer, bem de perto, a vida noturna da cidade. Passeamos sobretudo pela Lapa. Àquela época, o centro da cidade era mesmo a Avenida Rio Branco e adjacências, enquanto a zona sul, hoje preponderante, não tinha importância. Lembro-me que, ao chegar ao Rio, fui morar na Urca e levei três meses para conhecer Copacabana. Com a guerra, curiosamente, as praias do sul começaram a ser descobertas, e muitos exilados europeus desembarcavam e se dirigiam diretamente para Copacabana, então ainda com grande número de casas particulares de frente para o mar. A zona sul se desenvolveu com certa rapidez e passou a ser o cartão de visita do Brasil. Não me lembro de nenhum colega meu, no primeiro ano da Faculdade (1941), que morasse no coração de Copacabana. Quando fiz o exame para o Itamaraty e fui nomeado (1944 / 1945), já encontrei na Casa colegas que viviam até mesmo no Leblon.

Certa noite, passeava pela Lapa com um amigo recém-chegado de Corumbá, ruas e casas fortemente iluminadas, aqui e ali ouvindo tangos que se misturavam no ar, a conversa animada, até que alguém caminhou em direção do meu amigo, pegou-lhe no braço e começou a gritar: “Você não me conhece mais? Você faz que não me conhece? Não adianta! Eu quero os 500 mil réis que você me tomou e me deve ainda. Quero já!” Não havia como discutir, ou adiar o problema, o querelante se encontrava na companhia de dois outros robustos personagens, que fecharam o cerco. Meu amigo saiu-se com uma explicação: “Meu caro, somente uma perturbação momentânea dos meus sentidos me impediu de reconhecê-lo...”. A resposta veio logo, decidida, forte: “Perturbação, coisa nenhuma. Não venha com essas suas histó-

rias! Quero meus 500 mil réis já, agora!” Meu amigo apanhou a carteira e pagou, sem discussão. Eu perguntei-lhe sobre essa “perturbação momentânea dos sentidos”, e ele me respondeu muito calmamente: “Essa frase tirei de um livro formidável, que muito bem se propõe a ensinar como fazer amigos e influenciar as pessoas. O diabo é que hoje não pegou.” Tivemos de mudar nosso programa noturno, por falta de meios. Mas, para mim, recém-saído da cidade pequena e do Colégio Salesiano, o pior efeito dessa primeira incursão na noite carioca foi um certo medo que me tomou, o medo da cidade grande, das ruelas iluminadas em cor, da barulhada verbal de calçada a calçada, da mercadoria tão aberta e gritantemente oferecida, num quadro de luzes, dança, música, cores e cinismo: “a crueldade artística dos homens”, irmão Karamazov.

\* \* \*

Quando resolvi fazer os exames para o Itamaraty, fui apanhado no DASP (Departamento Administrativo do Serviço Públíco) as informações e formulários necessários. Lembro-me que só havia um rapaz na minha frente, recolhendo material no guichê. Ele desejava ser carteiro. Recolheu os papéis que o funcionário lhe deu e indagou se havia, por acaso, algum outro concurso próximo. Foi informado que se preparava um concurso para a carreira diplomática. Ele quis saber o que era diplomata. “Bom, você, aprovado, entra no Ministério do Exterior como cônsul e viaja pelo mundo inteiro”. O rapaz, que pretendia ser carteiro, logo se interessou e insistiu em perguntar se era mesmo pelo mundo inteiro. Ele queria viajar, e as duas carreiras lhe pareciam ter muito em comum. O que ele não podia saber é que, muita vez, diplomata também não passa de um carteiro, encaminhando e reencaminhando mensagens.

Nossos exames tiveram longa duração e nós, os finalistas, passamos a conhecer bem os dois funcionários do DASP que acompanhavam o curso. Já no final, passadas as eliminatórias, um desses funcionários convidou-nos, a nós, os sobreviventes, para a festa de casamento da irmã, no bairro de São Cristóvão. Aceitamos o convite, naturalmente, e lá fomos (a maior parte de trem ou de bonde). A festa se dava num pátio da casa, iluminado por um sem-número de lâmpadas coloridas, barris de chope e salgadinhos. Logo apareceu pequena orquestra, que se pôs a executar sambas e marchinhas para dançar. Nós éramos um pouco mais de vinte colegas, que não sabíamos propriamente o que fazer, amontoados num canto. Em outro canto, também amontoadas, encontravam-se umas trinta moças, que nos olhavam como se tivéssemos descido de Marte. Ninguém se animava a nada, até que o mais velho dos nossos colegas dirigiu-se ao mais “sociável” da turma, bem-nascido, sugeriu que ele tirasse uma das moças para dançar. A escolha não poderia ter sido melhor, uma vez que o colega, Paulo Paranaguá, pertencia a nobre família brasileira, marcante em nossa história. Logo saiu ele a dançar e, quando parou a música, nos contou o que havia ocorrido: “Procurei conversar com ela, não respondia. Insisti, e nada. Perguntei-lhe se era muda e não houve reação. Perguntei-lhe então se era surda, e continuou na mesma. Depois de certo tempo, ela, envergonhada, quis saber se eu iria ficar zangado com uma pergunta que desejava fazer e que, na verdade, todas as amigas dela também gostariam de conhecer a resposta. Respondi-lhe, bastante aliviado, que faliasse, eu teria até muito prazer em responder. E sabem o que me perguntou? Perguntou-me, com a cara mais inocente do mundo, se cônsul é mais do que sargento...”.

\* \* \*

O Itamaraty, já nos primeiros meses, mostrava para mim um mundo estranho. Eu acabara a faculdade, onde éramos todos solidários, quase uma casa comum, todos dividíamos muita coisa; além disso, nasci em Mato Grosso, que me havia dado uma idéia bastante diferente de relacionamento humano. A Casa, como se chamava e se chama o nosso ministério, tinha e tem bastante de clube fechado, onde se entra por seleção assaz difícil, mas logo se mostra ninho de corporações. Os postos melhores ou as promoções prematuras são privilégios do grupo no poder, se bem que indiquem muitas vezes apenas intromissão ilegítima de outros poderes. Lembro-me de, nos meus primeiros dias na Casa, ouvir sussurros pelo fato de ter sido promovido vantajosamente um funcionário mediocre, recente na carreira, cujo mérito se resumia a um parentesco importante (os vínculos familiares sempre foram trunfo seguro); ou do outro que subiu de classe, acotovelando colegas melhores, apenas por serem compatriotas sua mulher e a do ministro de Estado; dizia-se que um vice-cônsul fora elevado a segundo-secretário por haver, numa viagem de navio, suprido o secretário-geral do Itamaraty, também no barco, com medicamento contra enjôo marítimo (eu era ainda noviço quando conheci esse feliz servidor, e dele ouvi um conselho inesquecível: “Menino, a maior virtude do diplomata é a previsibilidade...”). As ordens externas (presidência, políticos, figurões) impediam e impedem que apenas o mérito seja requisito para promoções – mas isso ocorre em todo o mundo e praticamente em todas as carreiras.

De outro lado, o Itamaraty continuava e continua a contar, em seus quadros, com grande figuras do mundo cultural brasileiro, como o maior escritor do século XX, Guimarães Rosa, ou o poeta João Cabral de Melo Neto, o mais importante de sua geração, ou Roberto Campos, nome internacional da economia, ou o sapientíssimo José Guilherme Merquior, importantes historiadores, juristas, musicólogos, etc, etc.

Mas eu seria o último a reclamar do espírito de solidariedade e justiça na Casa. Pessoalmente, não posso deixar de ser agradecido pelos postos que obtive no final da carreira, postos que me permitiram atenuar sério problema de saúde na família. E, aqui, talvez, valha recordar como se deu a promoção do terceiro-secretário O. A. Dias Carneiro, no curto Governo de Linhares. Dias Carneiro foi sempre um grande funcionário (chegou a ministro de Estado no Governo Goulart), competente, trabalhador, sério, desde seus primeiros dias no Itamaraty. Quando o conheci em Washington, continuava a doar seu tempo a estudos de economia e de línguas. Por inaudita, vale aqui narrar como se deu sua primeira promoção na carreira. Logo que o presidente Linhares assumiu, preparou-se longa lista de promoções no Itamaraty, tão longa que o chefe do Protocolo da presidência, ao chegar à oficina do Diário Oficial, reparou que havia ainda uma vaga para promoção a segundo-secretário. Telefonou a Luiz Camillo de Oliveira Neto, chefe do Serviço de Documentação do Itamaraty, e pediu-lhe um nome, com estas palavras: “Você não é da carreira, pode me dar o nome de um bom terceiro-secretário, que não seja apadrinhado de ninguém”. Luiz Camillo não titubeou um instante: “Promova o Otávio Dias Carneiro. Ele está me traduzindo o Schneider...”. L. Schneider, alemão, autor de importante livro sobre a Guerra da Tríplice Aliança, muito estimado pelo Barão do Rio Branco, não tinha sua tradução em português acabada, trabalho que se executava na biblioteca do Itamaraty, do exemplar que pertencera ao Barão. Dias Carneiro, competentíssimo, nunca soube como se dera sua promoção.

Contudo, a carreira não deixa de ser uma distinção, um enobrecimento, tanto no País quanto no exterior. E, depois, o trabalho que fazemos tem uma categoria diferente, nos conduz a tratos e contatos quase sempre em nível alto.

Levado a trabalhar, ao mesmo tempo, no Conselho de Imigração e Colonização (CIC), pude já naquela época (1948) entrar

em contato, dentro sempre do Itamaraty, com pessoas extremamente interessantes. Uma delas, o poeta português Antônio Botto, que, exilado, encontrava dificuldade em obter prorrogação do seu visto de residência no Brasil, devido às pressões da embaixada de Portugal contra os inimigos de Salazar. Ele vinha ao CIC sempre mal vestido, meio sujo, barba por fazer, e era de uma humildade total (apesar de ter um livro seu traduzido em inglês por ninguém menos do que Fernando Pessoa). Passando de ônibus, vi-o várias vezes sentado em banco do Largo da Glória, sozinho, triste, como se estivesse em país estranho, sem conhecer o idioma e ninguém. O ministro Jorge Latour, presidente do CIC, me autorizava sempre a prorrogar o visto – Botto vinha, sentava-se, bebia um ou dois cafés e conversávamos. Um dia, disse-me: “vejo que o amigo fala muito com os braços. Isso me levou a um poema, que dedico ao amigo.” E declamou:

*“os braços  
são o coração  
desfeito em pedaços  
que servem ao homem  
para se crucificar.”*

Não sei se, de fato, o poemazinho foi composto naqueles dias...

Outra figura curiosa era uma princesa romena, que residia no Hotel Copacabana Palace e passava pelo mesmo problema da prorrogação de visto. Sempre na maior elegância, carregada de jóias e perfume, andava pelos quarenta e cinco anos, mas aparecava trinta. Falava excelente francês, tinha leitura e conversava às vezes sobre assuntos literários meus desconhecidos. Convidou-me um dia a visitá-la no hotel e, lá chegando, levou-me à piscina. Seu apartamento era de extremo bom gosto, o que

me fez crer que havia escapado da Romênia com muitos caixões. Disse-me que tudo ali vinha de seu apartamento em Paris. Devia ser mesmo princesa, pois pudevê-la na companhia do Rei Carol, e de Madame Lupescu, em espetáculo no Teatro Municipal (na manhã daquele dia, coube-me mostrar ao rei, bibliófilo, a coleção de raridades da biblioteca do Itamaraty).

Esse tipo de trabalho, de poder ajudar, dava grande prazer. Às vezes, ocorriam fatos singulares, o primeiro dos quais foi o de um norte-americano, alto funcionário da Esso, onde era colega superior de meu irmão. Vivia já algum tempo no Rio com a mulher, mas estava encontrando dificuldade em trazer a sogra para sua companhia. O pedido de visto se encontrava há muitos meses no CIC, e nenhuma decisão saía. Procurei o processo, levei-o à divisão competente e o visto foi dado (o grande problema do serviço: havia mais de mil processos parados, a maior parte de solução fácil, mas a escassez de pessoal não permitia que a máquina andasse). Assunto resolvido, recebo, dias depois, duas caixas de uísque “Black Label”, mandados para o apartamento em que eu modestamente morava. Devo confessar que, nesse tempo, eu não havia provado jamais uísque, nem sabia o que era. Falei a meu irmão e ele veio apanhar as caixas, no mesmo dia. Estábamos nos primórdios do após-guerra, e o uísque inglês não circulava facilmente. Desse episódio guardo tão somente a bela impressão que me deixou a esposa do norte-americano, ex-modelo, que como tal saíra na capa da grande revista *Life* e percorrera o mundo todo.

Outro fato curioso do setor de visto: dessa vez, tratava-se de um açougueiro, português, que desejava trazer o irmão para o Brasil. Ele era conhecido, cliente de importante advogado, cujo filho fora meu colega na faculdade e continuava sendo um dos meus mais caros amigos. Desenterrei o processo, o visto foi autorizado e, uma semana após, compareceu o português ao CIC,

onde eu não me encontrava àquele momento, e deixou dois grandes sacos para mim, cheios de carne, filés, contrafilés, picanha, alcatra, etc. Que poderia eu, que não sabia cozinhar, nem tinha condições para fazê-lo, se quisesse? O presente era régio, havia duro racionamento de carne, e o português, que em tempo algum cheguei a conhecer, estava sendo bem generoso. Pude alegrar o dia de vários colegas casados, que prometeram festejar o fim de semana, com o pensamento em mim, solteiro.

E por aí iam as coisas. Como a do libanês, amigo da minha família em Corumbá, também desejando trazer o irmão (ou cunhado). O processo não andava, foi desenfurnado. Dois meses depois, o libanês veio ao Rio com a mulher e convidou-me para almoçar num domingo, em hotel do Flamengo. Lá fui, só aovê-lo pude lembrar-me dele, começou o almoço e, ao retirar o guardanapo do prato, vi uma nota de 500 mil-réis aberta entre as dobras do pano. Devolvi e pensei em ir-me. Mas, o pobre do homem não iria perceber nunca o insulto que fazia (a favor dele contavam sua simplicidade ou simploriedade e sua proveniência, uma vez que na sua terra a propina, “*bakschisch*”, é o denominador comum de qualquer negócio e de quase todos os favores). A situação foi salva ainda por Corumbá: o almoço contava com música, executada pelo pianista Hidarnés, conterrâneo meu, que não conseguira fazer carreira no Rio (no apartamento de sua mãe e dele morei algum tempo, na rua Pedro Américo, em fins de 1942). Sugeri ao meu anfitrião que desse a nota ao pianista, que veio à mesa e chegou a chorar. Ele se especializara em Mozart e Schumann, e agora, para sobreviver, trabalhava como pianista de ambiente ou animador, em hotéis e restaurantes.

Nessa época, tive a oportunidade de conseguir uma decisão da Casa em favor do grande Vinicius de Moraes. Ele era cônsul em Los Angeles, e dera vistos de entrada ou permanência no Brasil, sem autorização, a algumas pessoas não qualificadas. O

Itamaraty chamou-lhe a atenção e o assunto encerrou-se, mas por pouco tempo, pois um belo dia desembarcava no Rio de Janeiro, com visto de “técnico”, o lutador de boxe e de *catch* Primo Carnera, naqueles anos tão conhecido no mundo todo como o nosso Ronaldo, hoje. O Itamaraty resolveu remover Vinicius para o Rio e eventualmente puni-lo. Pedi ao presidente do CIC, Jorge Latour, que lhe desse ainda a oportunidade de defender-se, tratando-se de Vinicius de Moraes, e lhe telegrafasse pedindo explicações sobre a concessão de visto “para técnico” a alguém como Primo Carnera. A resposta chegou logo: “Trata-se de um técnico da força bruta”. Vinicius perdeu o posto.

\* \* \*

Grande acontecimento desses dias do começo de 1946 ocorreu com a publicação do livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Ele foi meu primeiro chefe no Itamaraty, e passaria a desempenhar, com sua amizade, papel imenso na minha vida. Víam-nos quase diariamente, almoçávamos juntos, quando possível, e eu lhe dava para ler tudo o que escrevia, discursos pedidos por meus superiores, os longos memorandos de serviço, resumos de conversas oficiais e alguma envergonhada obra minha literária. Rosa vivia seus dias de *Sagarana*, feliz, orgulhoso. O *Correio da Manhã*, através de Álvaro Lins, trazia continuamente artigos ou estudos sobre o grande livro, visitantes apareciam no Itamaraty para conhecer o escritor (até mesmo deputados da área sertaneja, abrangida pela obra), etc. Rosa, extremamente bem educado, às vezes mesmo formal, acabrunhava-se, não recebia bem o cortejo pessoal (o elogio escrito lhe falava direto ao coração). Quanta saudade! Incansável trabalhador do idioma, capaz de muita coisa e de tudo fazer com ele, como escrever páginas e mais páginas de grande interesse sobre... um boi sentado; armador de episó-

dios que não ocorrem, seu ritmo de prosa e sua riqueza verbal deram nova dimensão ao uso da língua. Aqui e ali desaparece o narrador, o homem cheio de histórias, e sobra o estilista, o sábio armador verbal, o mágico que tudo leu, vivo em cada vocábulo, muita vez indo aos confins dos termos. Curioso: Rosa bem sabia da importância, do espaço que sua obra iria ocupar na literatura. Seus olhos, guardados atrás de grossos óculos, ficavam ainda menores quando ele ouvia ou lia julgamentos disparatados sobre *Sagarana*. Até hoje, retenho-lhe a voz: "Essa gente me dá pena. Tanta coisa no livro e eles não querem encontrar nada. Incrível! Seria bom avisar que terão muito mais pela frente, só um pouco de paciência, e ninguém vai querer depois ficar fora do barco...".

\* \* \*

Conversava-se muito na Comissão de Organismos Internacionais, onde estava eu também lotado. Sempre conversas sobre a carreira, os postos, os colegas vivos e mortos, etc. Grande contador de histórias, conversador, era o então ministro Carlos Sylvestre de Ouro-Preto. Lembro-me sempre de dois extraordinários episódios narrados por ele. O primeiro referia-se a um ministro do Exterior do México, conhecido por ter perdido um olho e usar venda para encobrir a cavidade. O ministro gostava sempre de narrar como perdera o olho: "Fui soldado de Pancho Villa e, um dia, alguém disse a Pancho que eu o estava traindo e mancomunava com as tropas do Governo. Pancho me chamou, estava furioso, vi que teria de arriscar tudo, garanti-lhe que se tratava de uma terrível intriga, eu faria qualquer sacrifício por ele, Pancho, inclusive arrancaria um olho. Ele não demorou dois segundos e mandou-me então arrancar um olho. Não tive outro recurso, botei um dedo no olho esquerdo e arranquei-o" (diga-se aqui, em benefício de Pancho Villa, que ele não arrancava pesso-

almente os olhos de seus desafetos, mas, se considerarmos bem o passado, vamos dar com certas culturas, sociedades arcaicas, em que monarcas e monjes vazavam pessoalmente os olhos dos seus contendores).

O segundo episódio é bem brasileiro. Em nosso consulado em Paris estava lotado, já durante doze anos um vice-cônsul. Lauro Müller, logo que assumiu o Ministério, sucedendo ao Barão do Rio Branco, foi informado da anomalia e resolveu remover o vice-cônsul para Iquitos, nos confins do Peru. A reação não demorou muito, e logo recebeu o ministro um telegrama, nestes termos: “Pessoal para o senhor ministro de Estado. Para Iquitos mande sua mãe”. O telegrama consta (!) dos arquivos do Itamaraty. Muito tempo depois tive um chefe, assaz idoso (ainda menino, sentara-se na perna direita do Barão do Rio Branco, para uma fotografia), que confirmou haver, no começo de sua carreira, ouvido algumas vezes a narração do episódio.

\* \* \*

Contava Luiz Camillo de Oliveira Neto: “Hoje, encontrei o José Eduardo de Macedo Soares, e fomos almoçar. Você sabe que ele é não só um grande jornalista, como também excelente conversador. À mesa me contou uma história admirável. Ele, oficial da Marinha, era ruísta, e acompanhava Rui Barbosa praticamente o tempo todo, antes, durante e depois da segunda candidatura de Rui à presidência. Um dia, Rui tinha de tratar qualquer assunto com o presidente Delfim Moreira e lá foi ao Catete, escoltado pelo José Eduardo, que conta a história: ‘chegamos e fomos levados à ante-sala do presidente. Esperávamos sentados, o Rui num sofá e eu numa cadeira de braços. Começou a demorar, Rui estava inquieto, mas eu reparei que a porta do Gabinete, que dava na ante-sala, abria um pouquinho e logo era fechada. Percebi o que

estava acontecendo, fiquei perto da porta e, quando ela se entre-abriu novamente, dei um empurrão e o presidente recuou, pois era ele que abria e fechava a porta. Percebi, então, que Delfim Moreira queria ver como era o Rui, o famoso Rui, o homem mais conhecido do seu tempo. A conversa foi difícil, Delfim olhava e olhava o Rui, não acompanhava o assunto. Quando saímos, Rui foi logo dizendo: ‘Elegem um louco e a mim me negam esse direito!...’ Você conhecia essa?”

\* \* \*

Em Corumbá, todos conheciam o Dr. Eiras. Um boêmio, apesar da idade, estimadíssimo mesmo pelas pessoas que não aprovavam sua maneira de ser, vestido com desleixo, guiando um automóvel bastante velho e cuidando gratuitamente dos pobres. Dos pobres e das infelizes mulheres decaídas da cidade, que o tinham como pai, e pai médico. Quando viajei em férias a Corumbá (1944), já aprovado no exame para a carreira diplomática, ele veio visitar-me para dizer que tinha um filho diplomata, bastante importante no Itamaraty. Logo que tomei posse do cargo, decidi ir ver, no seu elegante gabinete, o filho desse médico amigo. Disse-lhe imediatamente o objetivo da minha rápida visita: vinha de Corumbá, onde conhecia muito seu pai, pessoa bastante querida na cidade. Mal acabei, ouvi esta frase, que me derrotou inteiramente: “quero informar-lhe, senhor vice-Cônsul, que eu não me dou com meu pai”. Pedi desculpas e retirei-me, bem pequenino. Um ano depois, pela manhã, encontrava-me na Livraria Freitas Bastos, no Largo da Carioca, quando alguém tocou no meu ombro: “Você vai daqui para o Itamaraty? Posso levá-lo?” Entramos no carro, e as primeiras palavras suas foram estas: “Fiz as pazes com meu pai. Encontrei-o na casa da tia Alberta, nos abraçamos e choramos. Quase vinte anos durou isso, meu caro vice-cônsul!” Apenas bem

mais tarde fiquei conhecendo a origem, ou melhor, o enredo dessa tragicomédia familiar. O pai tinha alta posição em um ministério e a mãe pertencia ao melhor da sociedade carioca (1926). Certo dia, a mãe descobriu que o marido era infiel, e a enganava com sua melhor amiga, as duas se conheciam desde o colégio. Resultado: a mulher fez as malas do marido e deixou-as na porta, com um bilhete. Ele se desorientou, viu-se rejeitado também por todos os amigos da família, pediu sua transferência para uma cidade distante e fora parar em Corumbá!

“A família, meu senhor, existe ela mesmo?” A pergunta é da marquesa d’Aiglemont, lá em Balzac.

\* \* \*

Poesia. O amigo me pergunta: “Você conhece o Murilo Mendes, não? Não faz mal, ele está no Hotel dos Estrangeiros, aqui ao lado. Está de cama, sofreu uma operação meio séria, mas vai bem, agora. Podemos ir visitá-lo, depois do almoço”. E fomos.

O poeta, meio sentado, com travesseiros grandes nas costas, parecia feliz com a visita. Meu amigo, também poeta, pergunta a Murilo: “De onde saiu aquela frase sua, no poema publicado ontem no jornal, frase curiosíssima, fantástica, ‘o cavalo está comendo a montanha’? Uma delícia!”

Resposta do poeta: “Você não acredita. Está vendo na parede essa gravura horrível, com uma grande montanha, emoldurada em vidro? Pois lá em baixo, na rua, todo dia vem uma carroça, puxada por um cavalo, para trazer leite. Nós estamos no primeiro andar. O homem da carroça entra no hotel, o cavalo fica sozinho lambendo o chão. Há água no chão e sol. O sol faz refletir a água e a cabeça do cavalo na montanha, aqui em cima, e o cavalo passa a comer a montanha em vez de lamber o chão...”.

\* \* \*

Ainda poesia. No café Amarelinho, à praça Floriano, Cinelândia, reuniam-se no fim da tarde, depois do expediente nas repartições públicas, grupos de escritores, jornalistas, atores, etc. para um café, aperitivo, acerto de contas literárias, novidades do dia, etc. E aconteceu que, um dia, duas ou mais mesas discutiam, zangadas, o que era arte, sua definição. O ambiente começou a ficar pesado, pois já houvera abundantes rodadas de pinga e assemelhados. Lá pelas muitas, um general, que se cria homem de letras e comparecia vez ou outra no Amarelinho, saiu-se, gritando, com esta definição: “Não percam tempo. Arte, para mim, é emoção, emoção. Quem não concordar comigo não sabe nada, é uma besta. Arte é emoção, seus idiotas!” O Rubem Braga, que não era de levar desaforo para lugar nenhum, aceitou o desafio: “Você está dizendo imensa burrice! Então, se eu me esconder atrás da porta, quando você passar, e lhe der um susto, isso é arte, sua besta?” O forrobodó formou-se, só se ouvia “deixa disso”, o general caminhou para a porta e ainda soltou um “fui ofendido, eu, general! Isso não fica assim, não. Vocês vão ver!” Como estávamos vivendo sob uma ditadura, começamos a temer pelo Rubem Braga. Mas, alguém, que chegara atrasado e só pegara o final da cena, aliviou o ambiente: “Ele estava bêbado. Não vai acontecer nada. Eu conheço o homem. É vaidoso, e vai fazer tudo para continuar a participar das nossas rodadas, aqui. Vocês verão”. Não deu outra...

\* \* \*

## **Nova York – Washington**

Fui a Nova York para a Assembléia das Nações Unidas, nos primeiros dias de setembro de 1946, e lá pude permanecer mais tempo, provisoriamente, uma vez que, por motivos diversos, não havia naqueles dias nenhum terceiro-secretário trabalhando na delegação nossa. Aproveitei quanto pude, inclusive viajando algumas vezes a Washington, onde deveria acompanhar a micro-filmagem de milhares de documentos da biblioteca do Congresso, referentes ao Brasil. Ali, na delegação, conheci Gilberto Amado, Roberto Campos, Carlos Martins Pereira e Souza, nosso embaixador em Washington e, passageiramente, Osvaldo Aranha. Foi-me uma grande escola. Gilberto Amado, muito lido, vivido, inteligência fina, às vezes brilhante, nos dava grande alegria quando aceitava almoçar conosco, dirigindo da cabeceira da mesa a conversa, narrando fatos de sua vida, com permanente humor, seguro e em belo idioma. Conseguia sempre dizer frases que não esquecíamos, repentes maldosos, vivos. “Vocês sabem como é essa gente do Brasil, sobretudo do Rio de Janeiro. Quando da minha última viagem, já no dia seguinte saía em crônica do Pongetti que eu desembarcara com minha elegância sergipana, minhas calças de boca larga. Eu chego ao Rio e, mal saio do navio, já aparece alguém querendo morder minha perna, minha roupa, fuçando, fuçando, à procura de qualquer coisa...”. Certa manhã, saímos todos do Hotel Taft, onde morávamos, corremos logo após o desjejum no andar térreo para o guarda-roupa, Gilberto Amado ia botando o capote, um alto funcionário da delegação resolveu ajudá-lo e disse esta frase: “Eu não estou ajudando o embaixador Gilberto Amado. Ajudo a grande figura da cultura brasileira, mestre...”. E ele ouviu isto, de Gilberto Amado: “Meu